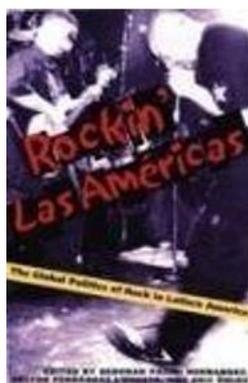


Resenha de Livro

HERNANDEZ, Deborah P., Héctor F. L'Hoeste e Eric Zolov, eds. *Rockin' Las Americas: the global politics of rock in Latin/o America*. University of Pittsburgh Press, 2004

Jeder Silveira Janotti Junior¹



O livro *Rockin' Las Americas: The Global Politics of Rock in Latin America* é um daqueles “readers”, típicos dos Estudos Culturais, que inclui diferentes abordagens sobre o rock na América Latina. Assim, os diversos artigos tentam dar conta das tensões políticas presentes nas apropriações do rock em cenários musicais tradicionais, da influência do rock na música dos países latino-americanos e, principalmente, das tensões que envolvem a globalização do mercado fonográfico, a apropriação e a produção regional do rock. Como a maioria das coletâneas, *Rockin' Las Americas* apresenta artigos interessantes e atraentes e outros, nem tanto. Aliás alguns deles deixam o leitor a se perguntar: não seria melhor um livro mais enxuto, e só com artigos de qualidade?

Controvérsias a parte, logo de início, na introdução elaborada pelos organizadores, uma afirmação que mostra os diferentes caminhos que os mitos e apropriações do rock no mundo latino-americano podem tomar: “ Em meados dos anos 60 no Brasil, o projeto de rock avant-garde chamado Tropicália, teve de defender-se tanto dos nacionalistas de direita, que temiam seu potencial subversivo, quanto dos críticos de esquerda, que afirmavam, de modo assertivo, que o rock era uma deformação das formas musicais tradicionais”. Ora, sem deixar de lado o peso do tropicalismo como um movimento cultural fundamental para a apropriação do rock na América Latina, a afirmação demonstra um dos pontos fracos do livro, ou seja, a falta de uma definição, ou pelo menos de uma discussão, sobre o que caracterizaria o gênero rock, quais seus limites e até que ponto, por exemplo, um artigo como “Black Pau: uncovering the History of Brazilian Soul” (McCann), deveria estar presente nesta coletânea. Qualquer conhecedor das diversas influências musicais presentes na Tropicália terá dificuldade em localizá-la como

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, Coordenador do grupo de pesquisa Mídia & Música Popular Massiva e autor dos livros *Aumenta Que Isso Aí é Rock and Roll: mídia, identidade e gênero musical* (E-Papers, 2003) – *Heavy Metal com Dendê: música e mídia em tempos de globalização* (E-papers, 2004).

avant-garde rock, sem que isso seja considerado, no mínimo, uma redução de seu reconhecimento como um “movimento cultural” mais amplo que um “gênero rocker tropical”.

Se por um lado, o leitor encontra um terreno fértil para a compreensão do surgimento e solidificação da Indústria Cultural em meio às ditaduras e ao conservadorismo cultural presente na América Latina durante o aparecimento das diversas matizes roqueiras que compõe as cenas musicais argentina, brasileira, chilena, colombiana, cubana, guatemalteca, mexicana, porto-riquenha e uruguaia; por outro lado, encontra-se pouca discussão sobre o modo como a sonoridade rock e seus diversos gêneros se configuraram nesses países. Levando-se em consideração diferenças históricas, como no caso cubano (*Between Rock and a Hard Place: Negotiation Rock in Revolutionary Cuba, 1960-1980* – Pacini Hernandez e Garofalo), a maioria dos artigos leva o leitor a uma mesma conclusão: o cenário de apropriação do rock na América Latina envolveu tanto a desconfiança dos nacionalistas de direita, que viam no rock simplesmente uma forma de desvalorização da cultura local, como da esquerda, que via no rock um modo alienado de apropriação dos valores norte-americanos. Aliás, fica a pergunta: será que não seria o caso de se fazer uma comparação entre essas similaridades para se procurar as divergências e diferenças entre a apropriação do rock nos países latinoamericanos? Ou será que devido a sua característica global, a música considerada rock não teria determinados “gaps” a serem preenchidos por condições locais, mas que pouco alterariam sua produção de sentido? Afinal, como já foi demonstrado por autores como Lawrence Grossberg e Simon Frith, o rock seria caracterizado por uma espécie de corte afetivo entre Nós/Eles, ou seja, a diferenciação já estaria presente nas práticas discursivas do rock, independentemente do local de suas manifestações. Os diversos tecidos urbanos entrariam nesse cenário a partir do modo como esse dualismo pode ser operado regionalmente. Nesse sentido, mesmo levando-se em conta o recorte etnomusicológico operado por alguns artigos (Boricua Rock: Puerto Rico By Necessity! – Mateus / La Onda Chicana: Mexico’s Forgotten Rock Culture – Zolov/ The Politics and Anti-Politics of Uruguayan Rock – Trigo/ On How Bloque de Búsqueda Lost Part of It’s Name: The Predicament of Colombian Rock in US Market – L’Hoeste/ Let Me Sing My Brock. Learning to Listen to Brazilian Rock – Ulhôa/ Neoliberalism and Rock in Popular Sectors of Contemporary Argentina – Semna, Vila e Beenedetti), talvez uma descrição mais detalhada das expressões musicais, confrontando a idéia de rock como um gênero musical poderia contribuir para uma compreensão mais acurada das negociações culturais que envolvem tanto os aspectos políticos do rock, bem como sua configuração como expressão musical, incluindo aí seus aspectos afetivos, performativos e estéticos.

Dê um modo geral, e aí está o grande mérito do livro, a abordagem do rock na América Latina trata do modo como as práticas roqueiras operadas na periferia, só para citar um termo caro a todos os artigos de *Rockin’ Las Americas*, foram configuradas como uma espécie de contraposição a tentativa hegemônica de imposição de narrativas que forjassem a idéia de nação como uma grande comunidade imaginária centrada nas práticas nacionalistas e na musicalidade local. Só que, se por um lado os brasileiros Mutantes ou os mexicanos Café Tacuba, valeram-se da tensão entre a sonoridade rock e a adoção de elementos oriundos da música local, seja ela música folclórica ou popular massiva, por outro lado, os porto-riquenhos do Puya e os argentinos do Ataque 77, parecem manter a tonalidade local apenas na utilização da língua espanhola como base de suas letras. Aliás, o interessante artigo “Neoliberalism and Rock in The Popular Sectors of Contemporary Argentina” (Semán, Vila e Benedetti), poderia servir de ponta

de lança para as especificidades cosmopolitas do rock produzido na Argentina, que parece diferenciar-se da maioria das outras manifestações roqueiras na América Latina, não fosse um detalhe não problematizado: a ênfase excessiva nos aspectos ideológicos das letras, deixando a impressão de que não interessa muito ao leitor precisar as bases musicais, os gêneros e as expressões harmônicas/melódicas das canções analisadas.

Um outro ponto lembrado na introdução, e que poderia ampliar a compreensão do desenvolvimento do rock na América Latina, é a especificidade da ideia de música popular nos países periféricos. Vale lembrar que esse não é um ponto irrelevante ou preciosismo do resenhista, já que por trás da nomenclatura música popular massiva e/ou música popular está presente a própria construção da Indústria Cultural, e, conseqüentemente, da indústria fonográfica, em países com alto grau de analfabetismo e dificuldade de acesso aos bens de informação, tal como discos, livros e jornais. Não dá para negar que apesar de um certo tom romântico que tenta associar o consumo roqueiro na América Latina às classes populares, tentando reproduzir a história dos gêneros nos tradicionais centros produtores de rock, grande parte do rock produzido na periferia está ligado ao acesso da classe média aos bens de informação e a especificidade de sua formação cultural, o que levou uma parcela da juventude desses países a aproximar-se das expressões roqueiras com intuito de afirmar-se cosmopolita e tentar romper com o peso excessivo que tanto a direita como a esquerda colocaram na manutenção de musicalidades tradicionais como contraponto ao imperialismo do rock. Não por acaso, e de maneira positiva, a ideia de mundialização desenvolvida por Renato Ortiz como um processo de apropriação e inserção da produção cultural dos países periféricos no mundo contemporâneo é citada em alguns dos artigos presentes no livro. Não há dúvida, como afirmam os organizadores do livro, que “a união das cenas locais de rock tem forjado novos espaços sociais e criado narrativas alternativas de pertencimento”.

Para terminar, é interessante destacar 3 artigos que de maneiras diferentes abordam a latinidade do rock a partir de cortes diferenciados. Primeiramente, Palacios e Estrada, encaram a questão da presença feminina no rock mexicano em “A Contra corriente: a history of rock in Mexico”. Se esse é um tema comum nos estudos anglo-saxões, já nos estudos de rock em países periféricos, seja pelo escasso número de estudos gerais, seja pela preocupação de se pensar as genealogias do rock na periferia, pouquíssimos estudos sobre a música popular massiva na América Latina abordam as contradições que envolvem a presença feminina nas cenas musicais. Claro, se por um lado não se pode deixar de apontar os elementos chauvinistas presentes na afirmação de grande parte dos gêneros roqueiros, por outro lado, como afirmam Hernandez, L’Hoeste e Zolov: “O rock criou novas possibilidades para a energização feminina, bem como permitiu uma crítica do domínio patriarcal”. Já os artigos “The Nortec Edge: border electronic in Tijuana” (Asensio) e “Esperando La Última Hora: Manu Chau and the music of globalization”, parecem apontar para os limites do rock em sentido estrito e a possibilidade de inserção de outros gêneros musicais como forma de circulação de valores e afetos latino-americanos nas cenas mundiais. Independentemente da afirmação desses movimentos como rock, fica claro que o cenário musical contemporâneo possibilita trânsitos, trocas e tensões que não envolvem só a apropriação dos elementos musicais produzidos nos grandes centros, mas também a própria afirmação de sonoridades e intérpretes oriundos da periferia por parte dos eixos da produção fonográfica atual.

Dentro desse intrincado jogo, que envolve também a produção intelectual sobre o rock e a Indústria Cultural Latina Americana, só nos resta lamentar que ainda tenhamos que iniciar

a discussão sobre o papel exercido sobre o rock na juventude latino-americana contemporânea a partir do olhar crítico e aguçado de professores americanos e/ou latino-americanos radicados nos EUA. Sem maiores romantismos ou sectarismos, parece que nossas escolas ainda olham para o rock como os velhos políticos de esquerda e direita que não viam nas manifestações juvenis ligadas à *pop* music da segunda metade do século XX mais do que baderna e alienação. Assim, guardado os limites e problemas apontados nesta resenha, *Rockin' Las Americas* é uma publicação importante para qualquer um que queira não só entender a formação e a dinâmica do rock na América Latina, bem como a complexidade da produção e recepção dos produtos midiáticos em tempos de globalização.